

# JOSÉ DE FREITAS: UM BARÍTONO QUE É CRÍTICO DE SI PRÓPRIO

Os seus olhos azuis sobressaem na mais escura das encações. A sua luminosidade traduz-nos o empenho do seu trabalho no palco. Esta podia ser a descrição utilizada para qualquer artista, mas não é assim. Este olhar são os de José de Freitas, cantor principal da nossa única companhia de ópera, pertencente ao bonito Teatro Nacional de São Carlos.

Com uma carreira começada tardiamente, mas nem por isso desmerecedor das críticas mais elogiosas por parte de entendidos do gaboário, José de Freitas foi o primeiro português a interpretar, no princípio do corrente mês, no São Carlos, o papel de Rocco, o guarda da prisão, geralmente encarnado por cantores estrangeiros, personagem de «Fidélio», a única ópera de Beethoven.

Nascido no Funchal, mantendo ainda a pronúncia típica da Pérola do Atlântico, José de Freitas iniciou a actividade operática há apenas nove anos. Só através da sua perseverança, orgulho e trabalho sério conseguiu atingir a posição que detém, actualmente, no elenco do São Carlos. Sou muito lutador, como as coisas muito a sério, não tive padrinhos e trabalho apresentando trabalho para o público.

Mas recuemos uns anos para percorrer com o nosso interlocutor o tempo que antecedeu o seu ingresso no elenco do Teatro Nacional de São Carlos.

— Como é que encontrou a sua vocação de barítono — perguntámos.

— A minha formação decorreu nos seminários que os padres vicentinos têm no Norte do País. A música tinha, então, grande importância na

formação eclesialística. Desde o primeiro ano que a arte dos sons ocupou um lugar especial nos meus gostos e nos meus tempos livres. Sacrificava muitos recreos para copiar música, para aprender canções ou tocar harmónio. Confesso que cheguei a ter uma obsessão pela música. Passados poucos anos era alternadamente cantor-solista e organista do seminário. Quando fui para o Conservatório do Porto levava já uma bagagem musical razoável que me facilitou o trabalho. Também sobre o ponto de vista cénico devo muito ao seminário.

Em Janeiro de 1978, pouco depois de ter terminado o conservatório e de ter feito um estágio em Paris, o seu nome aparece inscrito nos cartazes como cantor residente do São Carlos. Tal facto pode ser considerado como que uma proeza, pois José de Freitas, apesar de ser então já homem feito, tinha acabado o Cruso Superior do Conservatório. Como aconteceu esse ingresso no São Carlos?

Em Julho de 1975, um grupo de finalistas do Conservatório, do qual eu fazia parte, levou à cena o 1.º e 2.º actos das «Bodas de Figaro» de Mozart. Coube-me interpretar o Figaro. Estava presente o então director do São Carlos, João Pais, que me ouviu. Em Outubro fui para Paris estagiar. Porque em Abril de 1975 tinha realizado uma audição, no Teatro da Trindade, para levar à cena as óperas «Bastien e Bastienne» de Mozart e «La Serva Padrona» de Pergolesi, regressel de Paris

para os ensaios das referidas óperas. As réclitas constituíram os últimos espectáculos de ópera realizados até hoje no Trindade. Estava novamente presente João Pais, que apreçou o meu trabalho. Regressel depois a Paris e um ano mais tarde João Pais chamava-me para os ensaios da ópera «Vingança Cigana» de Leal Moreira, onde desempenharia o papel de Chibante. O espectáculo foi no Salão Nobre de São Carlos, em Maio de 1977. Fui incumbido, depois, de preparar o difícil papel de Lord Enrico Eshton, da Lucia de Lammermoor, que viria a fazer em Outubro no Porto e em Braga. Tudo salu bem e assim se me abriram as portas do Teatro Nacional de São Carlos.

O barítono estreou-se oficialmente com Schounard de «La Bohème», e o sacristão de «Tosca», papéis que já repetiu em mais duas temporadas. Entre muitos dos seus trabalhos importantes destacam-se o Caranguejo das «Variedades de Proteu», e Dr. Dulcamara de «Elsir d'Amore», isto no São Carlos. No entanto, José de Freitas considera a sua última personagem, «Rocco», a melhor sob o ponto de vista técnico.

Ainda segundo o artista, no S. Carlos trabalha-se com seriedade e profissionalismo. A direcção do teatro mantém-se ao corrente dos trabalhos, desde os ensaios individuais aos ensaios de conjunto, de piano, e ainda de orquestra e coro. Se alguém não está física ou tecnicamente em forma é substituído.



José de Freitas, barítono do S. Carlos quando falava ao «CM»

O público é o seu maior e mais verdadeiro crítico e é para ele que José de Freitas canta: Os maiores críticos para mim serão sempre eu próprio, que sou muito honesto no meu trabalho e muito exigente, e o público para quem actuo e em quem penso quando me preparo. Esse público que me tem acarinhado ao longo destes anos é que é, de facto, o grande juiz do meu trabalho, disse-nos.

Projectos quanto ao futuro? Daqui para a frente terá de ser para melhor. Como dizem os ingleses, a vida começa aos 40. Embora com nove anos de carreira, só há quatro anos comecei a fazer os melhores papéis. Pela idade que tenho, pela vida muito regrada que levo, pela constante preocupação de aperfeiçoamento vocal e cénico, pelo pouco desgaste vocal devido a termos apenas um teatro de ópera e porque tenho voz grave, considero que, se Deus quiser, tenho à minha frente um longa carreira.

Realização pessoal é algo que ainda não atingiu, pois, como ele próprio diz, a realização é obra de uma vida, e não sei mesmo se, no final desta, um artista, por malor que tenha sido, se sentirá realizado. Nunca se pode parar. Sou muito lutador e insatisfeito. Há que trabalhar mais, muito mais. Mas se fala da realização no plano familiar e afectivo aí sim, digo-lhe muito sinceramente que sou casado e finalmente feliz. Assim falou José de Freitas, um barítono português cuja crítica não lhe desdenha elogios.

Texto: Manuela Silva Reis  
Fotos: Hermínio Clemente



Numa passagem de «La Bohème», um José de Freitas caracterizado